

# Interpretações nazistas\*

Mazzino Montinari\*\*

**Resumo:** A associação entre Nietzsche e nacional-socialismo é ainda recorrente em alguns círculos intelectuais. Refutando essa associação, o autor mostra como as concepções de Nietzsche não correspondem a idéias nazistas, como o nacionalismo e o anti-semitismo. Além disso, ele aponta o papel central de Alfred Bäumler, cuja obra se caracteriza pela leitura errada da filosofia de Nietzsche e pelo uso tendencioso dos fragmentos póstumos, na construção daquela interpretação ideológica.

**Palavras-chave:** interpretação ideológica – *A vontade de potência* – fragmentos póstumos

1. O tema “Nietzsche e o nacional-socialismo” corresponde seguramente a uma associação de idéias instintivas, pela qual ainda hoje o intelectual médio italiano, que supomos com sentimentos progressistas, liga ao nome de Nietzsche a ideologia dos sombrios doze anos na Alemanha, a ideologia de Hitler e do seu movimento. Mas se desta formulação genérica nos deslocamos para uma consideração crítica, isto é, se passamos a utilizar os instrumentos da ciência histórica, mesmo sem pretendermos chegar até as particularidades mais concretas, logo perceberemos o que fazer com representações vagas que, no melhor dos casos, se servem de conceitos como “violência do Super-homem”, “vontade de potência”, “besta loira” e assim por diante, que pretendem e, do mes-

---

\* Tradução de Dion Davi Macedo. Agradeço a João Silvério Trevisan e a Ivo da Silva Jr.

\*\* O ensaio sobre Nietzsche, recolhido e revisto neste volume, já foi publicado originalmente em *Su Nietzsche*, Roma, Riuniti, 1981.

mo modo como são jogados ali, se deixam assimilar a uma não melhor determinada “ideologia” do nacional-socialismo, da qual Nietzsche teria sido o precursor: “... quando a economia capitalista jogou fora as aparências liberais, ele apareceu como um precursor do fascismo. E certamente, queira-se ou não, ele foi *também* isto”; assim se exprime Cesare Cases em um ensaio recente, que de resto oferece algumas considerações muito importantes para aprofundar a compreensão da atitude de Nietzsche com o seu próprio tempo.

Ora, se a tarefa de reconstruir – com os instrumentos da crítica histórica, isto é, fixando-se nos documentos e nos fatos – alguma coisa que possa chamar-se “ideologia nacional-socialista” já é por si mesma muito difícil, pela quantidade mal digerida de mitos e representações de que a “falsa consciência da realidade” se serve para a sua ação política, é igualmente impossível falar seriamente, desde que se permaneça no terreno sólido da história, de uma real assimilação de Nietzsche, como ele realmente foi e pensou, por parte do nacional-socialismo. E este esclarecimento da nossa tarefa parece-me essencial se quisermos começar a refletir criticamente sobre a associação instintiva de idéias de que falei. Os estudiosos do nacional-socialismo que não liquidaram apressadamente o capítulo “ideologia” daquele movimento, os historiadores, tiveram que constatar, com efeito, que Nietzsche era praticamente estranho à esfera ideal, por assim dizer, dos fundadores do nazismo. Rosenberg, que, no *Mito do século XX*, reivindica Nietzsche entre os precursores do movimento, o coloca na companhia bastante discutível de Paul de Lagarde (que foi profundamente desprezado pelo Nietzsche autêntico, quero dizer, pelo Nietzsche pós-wagneriano) e de Houston Stewart Chamberlain (o qual era certamente e com plena legitimidade enumerado entre os seus precursores, mas que, por sua vez, sempre havia combatido Nietzsche a partir de um ponto de vista wagneriano-bayreuthiano e racista). Hitler, por sua conta, certamente não se formou a partir das obras de Nietzsche (cito, para todas, uma das últimas monografias, a de J. Fest), e é até discutível que ele a tenha realmente lido algum dia. Toda a teoria da raça, a base das concepções hitlerianas, era profundamente estranha a Nietzsche e igualmente inclusive o prin-

cíprio do *Führer*<sup>(1)</sup>. Gostaria de dizer que seria uma tarefa interminável, caso quiséssemos passar a citar os trechos inumeráveis nos quais Nietzsche ataca a teoria da raça, o mito da raça ariana e, em particular, polemiza com o anti-semitismo. Mas me seja permitido citar um exemplo, talvez particularmente significativo. Uma vez Nietzsche, na primavera de 1887, teve oportunidade de entabular correspondência com um dos mais destacados expoentes do anti-semitismo de seu tempo, que posteriormente – creio que em 1924 – tornou-se inclusive deputado nacional-socialista. Pretendo falar de Theodor Fritsch, que viveu de 1852 a 1933. Citarei uma das duas cartas que Nietzsche lhe responde para persuadi-lo a parar de mandar-lhe o *Antisemitische Correspondenz*, do qual Fritsch era redator (lembro ainda que Fritsch foi o autor de um *Catecismo anti-semita*, que teve uma enorme difusão e em 1923 chegou à 29ª edição). Nietzsche escrevia a Fritsch em 29 de março de 1887: “Acredite-me: esta desagradável invasão de enfadonhos diletantes que pretendem dizer a eles sobre o “valor” dos homens e das raças, esta submissão às “autoridades” que todas as pessoas sensatas condenam com frio desprezo (“autoridades” como: Eugen Dühring, Richard Wagner, Ebrard, Wahrmund, Paul de Lagarde – quem deles é o menos autorizado e o mais injusto nas questões da moral e da história?), estas contínuas e absurdas falsificações e distorções de conceitos tão vagos como “germânico”, “semítico”, “ariano”, “cristão”, “alemão” – tudo isto poderia enfim realmente encolerizar-me e me fazer perder a indulgência irônica com a qual até agora assisti as veleidades virtuosas e os fariseísmos dos alemães de hoje. – E, para terminar, o que o Senhor acredita que eu sinto quando alguns anti-semitas se permitem pronunciar o nome de *Zaratustra*?”. Nietzsche não diz o que sentia quando escreve esta carta, mas pouco depois, em uma nota que se encontrou entre as suas cartas póstumas: “Há algum tempo um certo Theodor Fritsch de Leipzig me escreveu. Não existe na Alemanha um grupo mais cínico e cretino do que estes anti-semitas. Eu lhe desferi, como sinal de agradecimento, um belo pontapé como carta. Esta canalha ousa pronunciar o nome de *Zaratustra*. Nojo! Nojo! Nojo!”.

De sua parte, de resto, o mencionado Fritsch aventurou-se, pouco depois da breve correspondência, em uma resenha de *Para além de bem e mal*, a obra de Nietzsche que havia saído um ano antes. Ele encontrou ali, e com boas razões, uma “exaltação dos judeus” e uma “áspera condenação do anti-semitismo”. E então liquidava Nietzsche como “filósofo superficial”, que não nutria “nenhuma compreensão pela essência da nação” e que, em *Para além de bem e mal*, não fazia outra coisa além de cultivar “tagarelices filosóficas de velhas comadres”. As afirmações de Nietzsche a propósito dos judeus não eram para Fritsch outra coisa além de “espirituosidades superficiais de um pobre estudioso de meia-tigela, corrompido pelos judeus”. “Por sorte” – concluía – “os livros de Nietzsche são lidos apenas por um par de dezena de pessoas”. Foram estas, portanto, as relações reais, concretas, atestadas por documentos, de Nietzsche com o anti-semitismo e com o germanismo, enquanto viveu. Apesar disto os nazistas, como dissemos, o reivindicaram para si, e ainda hoje vale para muitos a frase de Lukács que via em Nietzsche um “precursor intelectual do nacional-socialismo”. Voltemos então aos fatos, e desta vez no que se refere às relações do nacional-socialistas com Nietzsche.

2. É mérito de Hans Langreder, um jovem estudioso alemão, ter iniciado a investigação histórica empírica sobre “a discussão sobre (e com) Nietzsche no Terceiro Reich” com uma dissertação apresentada em 1970 à Universidade de Kiel. Ele pôde, deste modo, constatar que no Terceiro Reich não existia em absoluto um juízo unânime sobre Nietzsche. Ele fala de um *Nietzsche-Bild*<sup>(2)</sup> positivo (no sentido da ideologia nacional-socialista) e de um negativo. Entre os ideólogos do nacional-socialismo, portanto, havia alguns que procuravam incorporá-lo à sua concepção de mundo, outros para os quais o incômodo, cosmopolita, individualista e impolítico Nietzsche permanecia totalmente inaceitável, outros ainda que procuravam um tipo de mediação entre estas duas posições. Oficialmente foi dada preferência ao *Nietzsche-Bild* positivo, e este *Nietzsche-Bild*, esta imagem de Nietzsche como um dos numes tutelares do nacional-socialismo, ainda hoje tem larga difusão. A

figura-chave – no campo dos ideólogos do Terceiro Reich – para esta anexação de Nietzsche ao hitlerismo é, segundo Langreder, um personagem da assim chamada “revolução conservadora”, Alfred Bäumler. “No início e no centro do desenvolvimento de um *Nietzsche-Bild* positivo na época nacional-socialista está Alfred Bäumler”, lemos na dissertação de Langreder.

Antes mesmo de tornar-se nacional-socialista, Bäumler foi nietzschiano. Após a tomada do poder pelos nazistas, Bäumler, que havia participado na primeira fila da queima de livros “não alemães”, não arianos, foi chamado para uma cátedra convenientemente fundada para ele, a cátedra de Pedagogia Política na Universidade de Berlim; logo depois tornou-se diretor da Seção de Ciência no escritório do “Representante do *Führer* para a fiscalização da formação e educação do Partido Nacional-socialista”<sup>(3)</sup>, como se chamava por extenso o Escritório Rosenberg, sobre o qual um jovem historiador da Universidade de Trier, Reinhard Bollmus<sup>(4)</sup>, escreveu uma precisa e excelente história. Na realidade, Rosenberg foi colocado à parte da esfera do poder efetivo com a instituição desse escritório; os motivos pelos quais ele foi posteriormente justificado em Nurembergue como criminoso de guerra são, em primeira instância, atinentes ao seu cargo posterior de Ministro para os territórios orientais ocupados pela Alemanha nazista, de 1941 a 1945. Mas voltemos a Bäumler. No início dos anos trinta, Bäumler, que era professor de filosofia e também havia publicado entre outras uma obra sobre a crítica kantiana do juízo, começou a tornar-se conhecido como editor e intérprete da obra de Nietzsche. Primeiramente ele fez sair na biblioteca Reclam duas coletâneas de textos, extraídos basicamente da assim chamada principal obra póstuma de Nietzsche, *A Vontade de Potência*. As duas coletâneas tinham por título *Nietzsches Philosophie in Selbstzeugnissen. Erster Teil: “Das System”. Zweiter Teil: “Die Krisis Europas”*<sup>(5)</sup>. Logo depois, em 1931, saiu, sempre na biblioteca Reclam, a verdadeira interpretação da filosofia de Nietzsche de Bäumler, com um título que correspondia exatamente à bipartição da precedente seleção de textos: *Nietzsche der Philosoph und Politiker*<sup>(6)</sup>.

Aquele do início dos anos trinta era um período de discussões vi-vazes sobre Nietzsche. A causa ocasional, por assim dizer, da discussão havia sido fornecida pelo fato de que as obras de Nietzsche a partir de 1930 não estavam mais protegidas pelos direitos autorais (segundo a legislação daquele tempo, 30 anos a partir da data da morte eram o período de tutela dos direitos de um autor: Nietzsche morrera em 25 de agosto de 1900). “Quando as obras de um gênio, trinta anos após a sua morte, tornam-se livre propriedade de seu povo e de todo o mundo intelectual – observa Hans Prinzhorn em 1932 na *Deutsche Rundschau* –, é compreensível que se coloquem em movimento os cérebros e as mãos que vivem no e do mundo da cultura. Quantas oportunidades se oferecem então para que se exponham noções, capacidades, mediações – mas também ambições e malignidades privadas, e simultaneamente para que se produzam negócios e que se reforcem *tendências ocultas da política cultural*”.

Foi precisamente naquele período que Erich F. Podach publicou pela primeira vez o laudo médico do manicômio de Jena, onde Nietzsche fora internado nos primeiros dois anos de sua doença (1889-1890). O documento causou sensação no público e desencadeou infinitas discussões, e a irmã de Nietzsche, que tinha mais de oitenta anos, ainda procurou salvar a honra do irmão, dominado pela infecção sifilítica da qual se falava claramente no laudo médico, fazendo sair a campo os amigos do Arquivo Nietzsche e literatos mais ou menos servís e dispostos a aceitar cegamente as suas recordações ou, pior ainda, os documentos que ela própria fabricava. Depois de vinte anos de silêncio, Josef Hofmiller, redator dos *Süddeutsche Monatshefte* e um dos mais notáveis conhecedores da obra de Nietzsche, retomou nas mãos a pena para dar vazão ao seu mal-estar em relação ao filósofo amado há algum tempo: ele condenava Nietzsche (inclusive na sua polêmica anti-wagneriana) e – expressamente contra Bäumler – queria salvar Nietzsche somente como moralista e escritor. A vida privada de Nietzsche tornou-se alvo de um esforço de demitização, com a qual se reagia à imagem do “santo” leigo, que sempre fora propagada pelo arquivo weimariano: basta

recordar, em relação a isto, o interessante mas nem sempre equilibrado livro de Helmut Brann sobre *Nietzsche e as mulheres*.

Todavia, quem tivesse sabido interpretar os sintomas da época teria chegado à conclusão de que naquele momento se estava realizando uma posterior evolução na história, tão rica de vicissitudes sucessivas, da recepção de Nietzsche na Alemanha. Com efeito, ainda que justamente naquele momento se estivessem formando as interpretações filosóficas de Nietzsche por parte de Karl Jaspers e de Karl Löwith, interpretações que conservam ainda hoje o seu valor<sup>(7)</sup> (pelo que de modo algum havia necessidade de um Bäumler para que Nietzsche fosse “levado a sério” como filósofo), a intensa discussão sobre a doença de Nietzsche e sobre a sua vida privada certamente não tinha a “assinatura da época”, mas justamente a adaptação de Nietzsche às “demandas do dia”, às “tendências” realmente não demasiadamente “ocultas de política cultural” que surgiam naqueles anos fatais do terreno em fermentação da moribunda democracia de Weimar. E foi justamente este o significado da interpretação bäumleriana de Nietzsche, que muitos naquele momento consideraram como nova. Bäumler, de resto, estava bem consciente da sua tarefa quando respondia a Josef Hofmiller (que, no fundo, era um bávaro conservador): “O que é fatal na influência de Nietzsche sobre o espírito alemão é o fato de que a gigantesca obra contida em suas cartas póstumas não tenha tido influência até hoje de modo correspondente à sua importância. (Os seus únicos e melhores leitores são ainda Klages e Spengler). Para a grande massa Nietzsche continuou a ser ainda o poeta de Zaratustra; sobre as mentes mais sutis ele teve influência mediante duas máscaras suas: “Dioniso” (*O nascimento da tragédia*) e o “espírito livre” (*os livros dos aforismos*). Este “espírito livre” se havia tornado o mestre de um gênero literário praticamente inexistente na Alemanha, o do ensaio moral, psicológico. Como virtuoso de um estilo profundo e ao mesmo tempo conciso, Nietzsche conquistou a geração que entrou na cena literária pública da Alemanha após a sua morte. Naquele tempo ele teve influência como poeta e escritor, e ainda hoje é amado como tal. Donde deriva que as suas obras médias e mais pessoais<sup>(8)</sup> sejam particularmente apreciadas... Nós constatamos que a

esta apreciação se liga necessariamente uma subavaliação dos trabalhos tardios de Nietzsche e dos seus textos póstumos”. Até aqui Bäumler.

Quanto a nós, constatamos, como fato histórico-cultural preciso, que a politização extrema de Nietzsche, como pensador germânico, a sua *Aufnordung* ou nordificação – como seria dito em pouco tempo – era uma novidade para o público intelectual dos primeiros anos trinta: escritores e literatos (como observava ironicamente Bäumler) se viram confrontados com uma imagem de Nietzsche que eles até aquele momento ignoravam. A evolução até este ponto, certo, remontava – ainda em Bäumler – a alguns anos antes, quando ele escreveu o seu ensaio sobre Nietzsche e Bachofen. E, de resto, não faltavam sequer advertências contra a “politização germânica” de Nietzsche: a mais notável de todas está contida no *Balanço parisiense*<sup>(9)</sup> de Thomas Mann, escrito em 1926; nesse livro se encontram estas memoráveis palavras dirigidas justamente contra o ensaio de Bäumler sobre Nietzsche e Bachofen: “O germanismo elevado e formativo de Nietzsche conhecia, como o de Goethe, outras vias para exprimir-se que não aquelas do grande retorno à matriz mítico-histórico-romântica”. E ainda, com um aceno explícito à política quotidiana: “A ficção professoral, para a qual o atual momento da história do espírito pertenceria a uma mera reação romântica contra o idealismo e o racionalismo, contra o iluminismo dos séculos passados, como se hoje, do mesmo modo que no início do século XIX, a “nacionalidade” se contrapusesse com pleno direito revolucionário à “humanidade”<sup>(10)</sup> visto que a primeira seria o elemento novo, pleno de juventude e desejado pela época: esta ficção professoral deve ser determinada por aquilo que realmente é, exatamente uma ficção plena de tendências dos nossos dias, para a qual importa não tanto o espírito de Heidelberg [isto é, o espírito do romantismo heidelbergiano, que Bäumler havia chamado em causa para a sua interpretação de Nietzsche-Bachofen] quanto o espírito de Munique [isto é, o espírito da cidade alemã que era, naquele momento, o centro do movimento hitlerista]. Não é a Bachofen e ao seu simbolismo dos sepulcros que se refere o que é realmente novo e que quer tornar-se realidade, mas àquele acontecimento e espetáculo na história do espírito alemão que é digno da mais alta admiração pelo

seu heroísmo, a saber, o acontecimento e espetáculo da auto-superação do romantismo em Nietzsche e mediante Nietzsche; e nada é mais seguro do fato de que no humanismo [*Humanität*] de amanhã, que deverá ser não somente um além da democracia, mas também um além do fascismo, entrarão elementos de neo-idealismo, suficientemente robustos para contrabalançar o ingrediente do nacionalismo [*Nationalität*] romântico”. Até aqui Thomas Mann em 1926: infelizmente o humanismo de amanhã profetizado por Mann ainda deveria se fazer esperar; para o momento – um momento terrível de doze anos de duração que mudariam a face da Europa – teria sobrevivido a insurreição dos pequenos burgueses filisteus contra o espírito e contra o humanismo.

A interpretação de Nietzsche proposta e posteriormente imposta por Bäumler (até aos antifascistas e aos marxistas, que a fizeram justamente em negativo) baseia-se em dois pressupostos metodológicos: 1. A verdadeira filosofia de Nietzsche encontra-se nas suas anotações póstumas (do mesmo modo como foram publicadas até aquele momento pelo Arquivo Nietzsche). 2. Para julgar a obra de Nietzsche é necessário fazer o que ele – segundo Bäumler – não teve tempo de fazer, isto é, é preciso “assumir o trabalho da conexão lógica” na obra de Nietzsche.

O que principalmente importa a Bäumler é: forçar a filosofia de Nietzsche para fazer dela a premissa de uma concepção política, “germânica”, que ele pretende “descobrir” em Nietzsche.

De tudo isto derivam duas perguntas, às quais devemos responder: 1. Bäumler soube colher o significado exato dos textos póstumos de Nietzsche? 2. O que aconteceu com Nietzsche em relação à “conexão lógica” que o próprio Bäumler encarregou-se de realizar?

O que nos importa, sobretudo, é indicar, em seguida, se a politização do pensamento de Nietzsche operada por Bäumler é sustentável.

3. Bäumler aceita sem a mínima crítica (à diferença, por exemplo, do próprio Heidegger, para não falar de Jaspers) a compilação que fez história sob o nome de *Vontade de potência*. Ele continuou a fazê-lo mesmo depois da Segunda Guerra mundial, quando foi ativo editor, mesmo que não mais como nazista, mas ainda como editor das obras de

Nietzsche junto ao editor Kröner de Stuttgart. Seria interessante, ainda que deprimente, confrontar entre eles os acréscimos de Bäumler à *Vontade de potência* antes e depois da Segunda Guerra mundial. Poder-se-ia, por exemplo, constatar o desaparecimento de frases como esta: “O jovem Nietzsche havia distinguido entre um conceito romanesco, “decorativo” de cultura, e um conceito de cultura greco-germânico, como *phýsis* potencializada. A sua última obra filosófica, na qual transcreve as sumas, faz deste conceito educativo greco-germânico uma realidade de pensamento”.

Todavia, não cabe a mim deter-me sobre as possíveis evoluções pós-bélicas de Bäumler. Ele deve estar, ao contrário, ante os nossos olhos como o nietzschiano convicto, conservador-revolucionário, que naquele momento era um homem na plenitude das suas energias intelectuais, com a idade de 44 anos. Mas eu não gostaria deixar de ressaltar uma diferença de caráter filológico.

Em 1930 ele escrevia: “Na forma pela qual *A vontade de potência* foi conservada podemos reconhecer um grandioso curso de pensamentos, podemos distinguir também breves seções desenvolvidas profundamente, mas não devemos nos esquecer nunca de que não temos diante de nós um livro concluído de Nietzsche. Mesmo que fosse possível, tendo em vista uma futura edição crítica, realizar alguma correção nesta obra, não se chegaria ao que Nietzsche se propunha e àquilo que ele estaria em condições de fazer”.

O setentão escrevia, ao contrário, em 1964: “*A vontade de potência* que Gast nos deixou é um documento histórico, que conservará o seu valor mesmo quando todos os manuscritos de Nietzsche forem decifrados e publicados. Quem viveu assim muito tempo e com tanta participação no ambiente de Nietzsche, como Peter Gast, nos fornece algo que permanecerá indispensável para entender e reconstruir *A vontade de potência*”.

O Bäumler de 1930 não se recusava, exatamente como o de 1964, a considerar a compilação como uma obra, talvez como a principal obra de Nietzsche, mesmo com a limitação segundo a qual Nietzsche não havia “terminado” aquele livro. Em 1964 o instrumento inerte de

Elisabeth Förster-Nietzsche, Peter Gast, um bom homem, fraco e sem nenhuma capacidade filosófica, tornava-se para Bäumler o mediador indispensável para reconstruir a principal obra de Nietzsche. Lamentavelmente até mesmo a irmã de Nietzsche escreveu a um conselheiro seu em 1915, com a ingratidão que a distinguia em relação a quem a havia ajudado, que “Peter Gast não era um estudioso” e “faltava-lhe a conscienciosidade do filólogo” e que, por isto, logo seria necessária uma nova edição dos textos póstumos de Nietzsche! É lamentável também que o próprio Gast reconhecesse que uma edição que publicasse os manuscritos de Nietzsche tal qual estavam teria agradado o especialista, mas que o grande público tinha necessidade de uma compilação. Esta confissão de Gast encontra-se em uma nota a um livro de 1906 no qual August Horneffer (50 anos antes de Karl Schlechta) revelava a insustentabilidade filológica da compilação saída no mesmo ano sob os nomes de Peter Gast e Elisabeth Förster-Nietzsche!

Na realidade, os fragmentos póstumos incompletos, sobretudo os da *Vontade de potência* enquanto obra, mesmo que incompleta, tinham para Bäumler uma espécie de valor esotérico: nas anotações póstumas Nietzsche teria dito realmente aquilo que pensava, e Bäumler se sentiu confirmado nesta sua opinião da sistematicidade artificial da *Vontade de potência*: uma obra que permaneceu sinuosa, mas sempre uma obra, que continha o Nietzsche autêntico. Mas justamente esta ótica é errada e causa de falsificações do pensamento de Nietzsche.

Eis as razões.

Os manuscritos de Nietzsche, lidos segundo a sua sucessão cronológica, fornecem uma representação autêntica, praticamente sem lacunas, da sua produção e das suas intenções. Os fragmentos póstumos, publicados segundo a sua cronologia nos manuscritos, encontram-se em uma relação de esclarecimento e de complemento no que se refere às obras terminadas. Isto vale em maior medida para as anotações póstumas dos últimos anos de atividade intelectual de Nietzsche, anotações das quais foi extraída *A vontade de potência*. Por isto é necessário habituar-se a distinguir nitidamente dois modos de considerar a massa de manuscritos que Nietzsche deixou. O primeiro modo consiste em en-

tender todo o conjunto das suas anotações – deixando de lado a sua utilização – como a expressão unitária, em devir, do pensamento de Nietzsche. O segundo modo consiste em especificar naquele conjunto as intenções literárias de Nietzsche, os seus planos de publicação e – no caso das publicações realmente realizadas – o que deve ser considerado como trabalho preparatório, o que foi descartado e por quê, o que permaneceu no estádio mais ou menos elaborado de fragmento, ainda aberto a eventuais utilizações sucessivas indicadas em eventuais planos, ou – inclusive – totalmente ligado a planos claramente descartados e superados por Nietzsche no decorrer das suas meditações.

Entende-se que, para uma interpretação do pensamento de Nietzsche, os dois modos de considerar o conjunto das suas anotações não podem ser elevados – um em exclusão do outro – como única norma válida. Eles representam, ao contrário, momentos complementares de uma mesma investigação, que é dever do leitor crítico e do intérprete desenvolver<sup>(11)</sup>.

Esta é a única via, descrita no modo mais conciso possível, para aproximar-se de modo crítico dos manuscritos de um autor múltiplo e aparentemente polissêmico como Nietzsche. Mas uma tal maneira certamente não teria atraído o sistemático Bäumler, que se dedicou principalmente a difundir com zelo a presumida obra principal de Nietzsche e a transformou em um *best-seller*, à qual o editor Kröner, mesmo depois da polêmica suscitada pela edição Schlechta em 1956-1958, não quis renunciar.

Vejamos agora o que aconteceu a Nietzsche, uma vez que outros assumiram a tarefa de estabelecer a “conexão lógica” dos seus pensamentos (aquela tarefa para a qual ele não teve, no dizer de Bäumler, o tempo necessário), isto é, vejamos aquilo que Bäumler chama o “sistema Nietzsche”.

4. “É igualmente mortal para o espírito ter um sistema ou não ter sistema algum. Ele terá, portanto, de se decidir por uma combinação de ambos”, assim escrevia Friedrich Schlegel<sup>(12)</sup> em um fragmento que também poderia ser de Nietzsche, o qual, de resto, teve com os românticos

um relacionamento não somente negativo (recordemo-nos do que disse Thomas Mann a propósito da auto-superação em Nietzsche e mediante Nietzsche). No verão de 1888 Nietzsche escreveu um dos tantos prefácios para o livro que pouco depois renunciaria definitivamente a escrever, *A vontade de potência*. O texto autêntico desse prefácio fragmentário tornou-se conhecido recentemente, seja na nossa edição crítica alemã ou na italiana; nele Nietzsche escreve entre outras coisas: “Desconfio de todos os sistemas e dos sistemáticos e me afasto deles: talvez por trás deste livro se possa descobrir o sistema que eu *evitei*... A vontade de sistema em um filósofo, em termos morais, é uma corrupção mais sutil, uma doença de caráter, e em termos não morais é a sua vontade de apresentar-se como mais tolo do que realmente é. – Mais tolo significa: mais forte, mais simples, mais dominador, mais inculto, mais imperioso, mais tirânico...”.

Não se encontra no “sistema Nietzsche” nenhum traço da tensão intelectual que as palavras de Schlegel manifestam (“igualmente mortal para o espírito ter um sistema ou não ter sistema algum”) e que podemos ouvir claramente na frase de Nietzsche: “talvez por trás deste livro se possa descobrir o sistema que eu *evitei*”.

O que Bäumler precisa é de um Nietzsche que se apresente “como mais tolo do que realmente é”, quer dizer, “mais forte, mais simples, mais dominador, mais inculto, mais imperioso, mais tirânico”. Um Nietzsche que não se consegue encontrar precisamente nas últimas anotações póstumas, desde que se decida não a reconstruir um certo Nietzsche, mas a procurar o Nietzsche inteiro do mesmo modo que era, nas suas anotações íntimas, mas também em seus livros e em suas cartas. Bäumler, ao contrário, quis um Nietzsche sem problemas, um Nietzsche reduzido à metade, não o Nietzsche que escreveu: “Profunda repulsa a repousar de uma vez por todas em qualquer consideração totalizante do mundo. Fascínio pelo modo de pensar oposto: não deixar que tirem o estímulo do caráter enigmático”.

Sob a fórmula de um “realismo heróico”, Bäumler constrói o seu Nietzsche. Ele evidencia os aspectos que mais se ajustam às suas intenções, que são – em última análise, como veremos – sobretudo políticas

e extremamente voltadas a atualizá-lo, como já havia salientado Thomas Mann (alguém que também havia lido o seu Nietzsche e o assimilara de modo muito mais criativo do que Bäumler). Nietzsche é, para Bäumler, o ateu radical, apaixonado; à diferença de filósofos como Platão, ele tem a coragem da realidade; como Heráclito, Nietzsche seria um filósofo do devir e da luta, da vontade de potência. Bäumler conhece as obras de Nietzsche e por isto está em condições de expor com uma certa exatidão, por exemplo, os pensamentos essenciais de Nietzsche sobre a teoria do conhecimento. Mas aqui escapa totalmente a Bäumler a problemática das ciências naturais, das quais Nietzsche partiu.

Enunciemos um único nome: se se lê Bäumler, parece que Ernst Mach, um contemporâneo de Nietzsche, nunca existiu e nunca escreveu uma *Análise das sensações* e que Nietzsche não leu esse livro. E, ao contrário, o cientista e filósofo Mach, que Nietzsche conhecia muito bem (e do qual se conservam ainda hoje na biblioteca de Weimar os livros que Nietzsche possuía) foi naquela época o representante da crítica científica mais radical do causalismo, da concepção mecanicista da física em geral.

O Nietzsche que em 1884 escrevia: “Se penso na minha genealogia filosófica, sinto que me encontro em conexão com o movimento antiteológico, isto é, espinosista, do nosso tempo, mas com a diferença de que considero uma ilusão inclusive o “escopo” e a “vontade” *dentro de nós*; assim também com o movimento mecanicista (redução de todas as questões morais e estéticas a questões fisiológicas, de todas as fisiológicas a químicas, de todas as químicas a mecânicas), mas com a diferença de que não creio na “matéria” e considero Boscovich como um dos grandes momentos de reviravolta, exatamente como foi Copérnico; de que considero estéril toda partida da auto-reflexão do espírito e que não se pode fazer uma boa investigação sem seguir o fio condutor do corpo. Não uma filosofia como *dogma*, mas como conjunto de elementos que regulam provisoriamente a *investigação*”. Este Nietzsche não existe para Bäumler. Exemplos como o de Mach poderiam ser multiplicados à vontade. O “bom europeu” Nietzsche não vive, para Bäumler, na Europa do século XIX. Ele tem muito pouco a com-

partilhar com intelectos como Stendhal, Baudelaire, Dostoiévski, Tolstói e sequer com outros escritores, poetas e filósofos como Mérimée e Taine, os Goncourt e Renan, Sainte-Beuve e Flaubert, Guyau e Paul Rée, Bourget e Turgenev. É como se Nietzsche nunca tivesse dito aquela frase de *Ecce homo*, tão digna de ser meditada: “Pois, sem contar que sou um *décadent*, sou também seu oposto”<sup>(13)</sup>.

Bäumler fala ainda de uma luta de Nietzsche contra a consciência [*Bewusstsein*] e contra o Espírito [*Geist*], que Nietzsche teria conduzido tanto na esfera teórica quanto na prática, a favor da vida e seguindo o “fio condutor do corpo” (vimos anteriormente um exemplo do uso desta expressão em Nietzsche). O que Bäumler procura eliminar de seu “sistema Nietzsche” (como, de resto, antes dele Klages) é a tensão global que domina toda a filosofia de Nietzsche entre os dois pólos “espírito” e “vida” (novamente como melhor lia Mann o seu Nietzsche). Do mesmo modo quando Nietzsche, em um aforismo de *Aurora*, fala da paixão do conhecimento cuja felicidade inconsciente da barbárie é odiosa, ou quando em *Assim falou Zaratustra* proclama a incindível unidade de “vida” e “sabedoria”, de “espírito” e “vida”. Este filósofo intelectualizado ao extremo não existe para Bäumler. Que Nietzsche se considere o herdeiro de uma dissecação moralista que durou dois mil anos, parece igualmente ignorado. Contudo, o próprio Nietzsche escreveu no seu prefácio à segunda edição da *Gaia ciência*: “Um filósofo que passou por muitas saúdes, e que sempre passa de novo por elas, também atravessou outras tantas filosofias: nem pode ele fazer de outro modo, senão transpor cada vez seu estado para a forma e distância mais espirituais – essa arte de transfiguração é justamente filosofia. Nós filósofos não temos a liberdade de separar entre alma e corpo, como o povo separa, e menos ainda temos a liberdade de separar entre alma e espírito”<sup>(14)</sup>.

Enfim, Bäumler é igualmente constringido a fazer desaparecer da sua sistematização do pensamento de Nietzsche o conhecimento fundamental sobre o qual se rege *Assim falou Zaratustra*: a teoria do eterno retorno do mesmo, ainda que Nietzsche reservasse, nos planos para *A vontade de potência*, justamente a esta teoria o ponto culminante do

último livro. Bäumler rebelar-se contra esta teoria e, na medida em que identifica o sistema construído *por ele* ao presumido sistema de Nietzsche, escreve: “Não há nada em seu sistema filosófico com a qual possa ser harmonizada esta eternização daquilo que vem a ser – o pensamento do eterno retorno está solitário na *Vontade de potência* como um bloco errático”.

Talvez isto também pudesse ser justo, se explicitamente existisse o “sistema Nietzsche” de que fala Bäumler e o livro que o contém: mas não existe nem o sistema nem o livro. E assim como nos interessa o que Nietzsche disse e não o que Bäumler gostaria que Nietzsche *não* dissesse, somos levados a duvidar do talento interpretativo de Bäumler. Tanto mais que o próprio Nietzsche afirma em um fragmento seu que a “vontade de potência” máxima é “querer o eterno retorno”!

Mas justamente na base dos arbítrios e das mutilações aos quais chamamos a atenção, Bäumler pode preparar o Nietzsche decapitado (segundo uma feliz definição de Löwith), do qual precisa para a segunda parte da sua operação: uma filosofia política pseudo-revolucionária, um “assalto de Siegfried” – como disse Bäumler – “contra a urbanidade do Ocidente”. Em síntese, Nietzsche poderá tornar-se um “Siegfried com chifres”; toda ironia, toda ambigüidade, toda espécie de espírito, todo tipo de *esprit* terá sido afastada dele: Nietzsche se tornará guerreiro e igualmente se tornará germânico.

5. Eis que chegamos à última parte, que é também a mais desagradável da nossa reflexão. Com efeito, se já a interpretação filosófica de Nietzsche que Bäumler nos oferece é unilateral, como mostramos, o pensador político que ele procura nos impor não é senão um representante do germanismo, compreensível apenas sobre o confuso fundo do *Mito do século XX*. Se antes Bäumler esforçava-se pelo menos para demonstrar alguma coisa quando se dedicava ao pensamento de Nietzsche, na segunda parte de seu livro todo traço de “honestidade intelectual” – para falar com Nietzsche – é perdido.

O germanismo de Nietzsche é simplesmente afirmado em tom apodíctico. Eis alguns ensaios: “A imanência da filosofia de Nietzsche

é vista unida à meta heróica que ela se põe. Nisto consiste o germanismo de Nietzsche”.

“Nada era mais odioso à natureza nordicamente-firme [!, exatamente assim: *nordisch-gespannt*] da representação oriental de uma quietude inclinada às delícias... A sua teoria da vontade é a expressão mais completa do seu germanismo”.

“Do pensamento central da metafísica greco-germânica nasce a sua grande teoria: que não há uma moral única, mas somente uma moral dos *senhores* e dos *escravos*” (não acreditávamos que para falar de uma moral das classes dominantes diferente daquela das classes dominadas fosse necessário recorrer no século XX a uma metafísica, e mais ainda a uma metafísica “greco-germânica”).

“Qual sentimento autenticamente germânico fala da diferença que Zarathustra faz do povo contra o Estado... Nietzsche exprime inconscientemente todo o segredo da história alemã”: eis, portanto, que temos Nietzsche como um “alemão inconsciente”.

“A mesma aversão em relação ao universalismo do Estado, que observamos entre os alemães, reencontramos entre o povo afim por estirpe aos alemães, a saber, os gregos” (permitamo-nos aqui observar como no curso de um centena de anos entre os alemães a nostalgia de Ifigênia pelo país dos gregos se tenha transformado em uma caricatura bárbara e presunçosa).

Bäumler coloca os gregos contra os romanos e gostaria que Nietzsche também fizesse o seu jogo, porquanto os romanos são, para ele, os fundadores daquela coisa não-alemã que é o Estado (e não se esqueça aqui da atualidade política de um ataque ao Estado não-alemão como era a república de Weimar). Infelizmente não se pode realizar esta operação sem uma “confiável reconstrução” do pensamento político de Nietzsche.

Se Nietzsche escreve, no *Crepúsculo dos ídolos* (1888): “Reconhecer-se-á em mim, mesmo no meu *Zarathustra*, a ambição muito séria de atingir um estilo romano, o “*aere perennius*” no estilo... Não devo aos gregos nenhuma impressão de intensidade análoga; e para dizer isso francamente eles não *podem* ser para nós o que os romanos são. Não se

*aprende* com os gregos – o seu estilo é demasiado estranho e demasiado fluído para ter um efeito imperativo, um efeito clássico! Quem é que aprendeu alguma vez a escrever com os gregos? E quem alguma vez teria *aprendido* sem os romanos?”.

Bäumler não perde o ânimo e distingue entre a forma pela qual Nietzsche teria aprendido coisas essenciais dos romanos e o conteúdo da sua teoria que, ao contrário, seria “anti-romano”. Esquecendo assim que o próprio Nietzsche disse uma vez que quem não entendeu que conteúdo e forma são a mesma coisa não sabe o que é escrever.

Bäumler não se deixa embarçar sequer com a seguinte passagem do *Anticristo*: “Aquilo que se erguia *aere perennius*, o *imperium Romanum*, a mais grandiosa forma de organização sob condições difíceis que até agora foi alcançada, em comparação à qual todo o antes, todo o depois, é fragmento, remendo, diletantismo – aqueles santos anarquistas se fizeram uma ‘devoção’, de destruir ‘o mundo’, isto é, o *imperium Romanum*, até que não restasse pedra sobre pedra – até que mesmo os germanos e outros rústicos puderam tornar-se senhores sobre ele...”<sup>(15)</sup>. Bäumler comenta deste modo: “Diante dos judeus e dos cristãos, os gregos e os romanos se encontram no mesmo nível. Diante de um adversário mais forte ainda, os antigos inimigos devem se colocar de acordo”. Por conseguinte, uma espécie de frente popular – dir-se-ia em alemão *Volksfront*, mas neste caso seria melhor dizer *völkische Front* – contra o cristianismo e o judaísmo! E se o “alemão inconsciente” Nietzsche fala de “alemães e outros rústicos” ou de “alemães e outros atrasados”, apesar de tudo o seu ataque ao cristianismo continua a ser um ataque de Siegfried: “O paganismo nórdico é incomensurável, fundo tenebroso, do qual o combatente temerário emerge contra a Europa cristã”. Isto certamente é dito de modo muito mítico e tenebroso, mas nem por isto as coisas mudam em relação ao que disse Nietzsche.

Poderíamos ainda dizer como Bäumler se esforça para demonstrar que Nietzsche não deve nada à cultura francesa, que Nietzsche, por isto, não é um psicólogo; que o culto do Renascimento italiano por parte de Nietzsche não significa que ele tenha realmente tomado partido da Igreja romana contra a Reforma (e de resto, observa o germânico

Bäumler, sem sombra de ironia, é extremamente provável que a maior parte das famílias nobres que fez o Renascimento fosse de origem germânica!!!).

Mas preferimos encerrar esta deprimente enumeração de citações com a última palavra dita por Nietzsche a propósito das suas relações com os alemães, com os franceses e com a psicologia. Ela se encontra em *Ecce homo*: “Os alemães... jamais terão a honra de ver associado ao espírito alemão o primeiro espírito *reto* da história do espírito [Nietzsche fala de si mesmo], o espírito no qual a verdade leva a julgamento a falsificação de quatro milênios. O ‘espírito alemão’ é o *meu* ar ruim: respiro com dificuldade na vizinhança dessa impureza *in psychologis* tornada instinto, que cada palavra e cada gesto de um alemão revelam. Eles nunca passaram por um século XVII de duro exame de si mesmo, como os franceses – um La Rochefoucauld, um Descartes são cem vezes superiores em retidão aos primeiros alemães –, até hoje jamais tiveram um psicólogo. Mas a psicologia é quase que a medida do *asseio* ou *desasseio* de uma raça... E quando não se é sequer aseado, como se poderia ser *profundo*? ... E se ocasionalmente elogio Stendhal como profundo psicólogo, ocorreu-me encontrar catedráticos alemães que me fizeram soletrar seu nome...”<sup>(16)</sup>.

6. “Ai de mim, eu sou uma dinamite”, exclama Nietzsche em seu testamento, no *Ecce homo*, apresentando muito bem os grosseiros equívocos aos quais sua obra era destinada em meio aos alemães.

Quanto a nós, após termos constatado a insustentabilidade da aneção ideológica de Nietzsche ao nacional-socialismo no caso específico de Bäumler, procuraremos precisamente não admitir a existência de um problema histórico, o das razões que induziram os expoentes da política “cultural” e da propaganda nazista a servir-se de Nietzsche. Esta investigação, no entanto, deveria finalmente deixar de lado o método partenogenético-ideológico e passar ao terreno dos fatos: analisar, por exemplo, os artigos (inclusive os dos jornais) nos quais se falava de Nietzsche ao povo alemão durante o Terceiro Reich, ou fazer uma investigação sobre quais foram as obras de Nietzsche mais freqüentemen-

te publicadas e popularizadas naqueles dozes anos, e assim por diante. Disso se extrairia certamente um interessante quadro de violência ideológica e propagandística, sequer demasiado hábil, de “terrível simplificação”, de um Nietzsche muito diferente de uma “dinamite”.

Eu quero observar ainda, para terminar, que o que Cesare Cases definiu muito espirituosamente “desrorrização” de Nietzsche não tem absolutamente nada a ver com este tipo de trabalho histórico, que consiste em distinguir a recepção de Nietzsche no Terceiro Reich, por um lado, e a interpretação do que Nietzsche disse na sua própria época, por outro. Com efeito, o Nietzsche “falsificado” da famigerada “irmã” é *até o momento um outro problema*: ele tem a ver – além de com os problemas pessoais do “Lama” e a sua obtusidade mental fundamental – muito mais com a Alemanha de Guilherme II do que com a de Hitler. Eu gostaria, ao contrário, de ousar esta afirmação: o telegrama da decrépita Elisabeth (que nasceu em 1846) a Mussolini-Hitler, por ocasião de seu encontro em Veneza em junho de 1934 (“*Die Manen Friedrich Nietzsches umschweben das Zwiegespräch der beiden grössten Staatsmänner Europas*”)<sup>(17)</sup>, não é suficiente para transformá-la em uma nacional-socialista (com efeito “retroativo” sobre a sua edição das obras e das cartas, que se concretiza totalmente entre 1894 e 1909), como não são suficientes, a meu ver, nem as visitas que Hitler fez a ela no mesmo ano (20 de julho e 02 de outubro), nem a coroa de flores que o assim chamado *Führer* enviou a Weimar, quando Elisabeth morreu, um ano depois. Seja-me permitido citar, a este respeito, do meu comentário a *Ecce homo*: “Notemos... que... também se deixou de “culpabilizar” Elisabeth Förster-Nietzsche por todos os abusos vinculados ao nome de Nietzsche enquanto “filósofo do nacional-socialismo”; mas esta é uma simplificação inadmissível e uma nova lenda. Os Bäumler (e também os Lukács) e todos aqueles que mutilaram “ideologicamente” Nietzsche fizeram isto por sua conta e não precisaram “ser iludidos” pela irmã mais do que octagenária. Compreender o pensamento de Nietzsche e interpretá-lo sem deformações ideológicas era possível mesmo sob o “império” de Förster-Nietzsche em Weimar<sup>(18)</sup>.

## Notas

- (1) Líder, chefe.
- (2) Imagem de Nietzsche.
- (3) Em alemão: “*Dienststelle des Beauftragten des Führers für die Ueberwachung der gesamten geistigen und weltanschaulichen Schulung und Erziehung der Nsdap*”.
- (4) *Das Amt Rosenberg und seine Gegner. Zum Machtkampf im nationalsozialistischen Herrschaftssystem*. Stuttgart, dva, 1970.
- (5) Isto é: *A filosofia de Nietzsche exposta tendo por base os textos e testemunhos do próprio Nietzsche. Primeira Parte: “O sistema”. Segunda Parte: “A crise da Europa”*.
- (6) *Nietzsche filósofo e político*.
- (7) Agrada-me recordar que o jovem Löwith escreveu em 1927 a sua severa crítica do livro de Klages, um livro no qual se procurava colocar em primeiro plano a assim chamada filosofia vitalista de Nietzsche em total detrimento de seu “intelectualismo”.
- (8) Bäumler refere-se à obras publicadas por Nietzsche entre 1878 e 1882: *Humano, demasiado humano* (1878), *Miscelânea de opiniões e sentenças* (1879), *O andarilho e sua sombra* (1880), *Aurora* (1881), *A gaia ciência* (1882).
- (9) N.T. – Em alemão: *Pariser Rechenschaft*. Berlin: Fischer Verlag, 1926.
- (10) Em alemão: *Nationalität e Humanität*.
- (11) Cf. F. Nietzsche. *Opere*. A cura di G. Colli e M. Montinari, v. VI, tomo III. Milano, 1970, p. 461 e ss.
- (12) Extraio esta citação do importante livro de Wolfgang Müller-Lauter. *Nietzsche, Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin, 1971, p. 1. NT – Friedrich Schlegel. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. Tradução de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1994, fragmento A 53.
- (13) N.T. – *Ecce homo*. 4a edição. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. § 2 (Col. Os Pensadores); *Ecce homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Vali-me da tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho.
- (14) N.T. – *A Gaia ciência*. 5a edição. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1991. § 3 (Col. Os Pensadores)
- (15) N.T. – *O Anticristo*. 4a edição. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. § 58 (Col. Os Pensadores)

- (16) N.T. – “O caso Wagner”, in *Ecce homo*, § 3. Vali-me da tradução de Paulo César de Souza.
- (17) “A força de Nietzsche paira sobre o diálogo dos dois maiores homens políticos da Europa”.
- (18) Cf. F. Nietzsche, *Opere*, cit., v. VI, tomo III, p. 566.

## Referências Bibliográficas

1. BÄUMLER, Alfred. *Nietzsche der Philosoph und Politiker*. Biblioteca Reclam, 1931.
2. BOLLMUS, Reinhard. *Das Amt Rosenberg und seine Gegner. Zum Machtkampf im nationalsozialistischen Herrschaftssystem*. Stuttgart: dva, 1970.
3. MANN, Thomas. *Pariser Rechenschaft*. Berlin: Fischer Verlag, 1926.
4. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche, Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin: W. de Gruyter, 1971.
5. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe*. Berlin: W. de Gruyter, 1980.
6. \_\_\_\_\_. *Opere*. A cura di G. Colli e M. Montinari, Milano, 1970.
7. \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Os Pensadores).
8. \_\_\_\_\_. *Ecce homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
9. SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. Tradução de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

**Abstract:** The association between Nietzsche and National-Socialism is yet recurrent in some intellectual circles. Denying this association, the author shows how Nietzsche's conceptions don't correspond to Nazi ideas, like nationalism and anti-Semitism. Besides, he points the central role of Alfred Bäumler, whose work is characterized by the misreading of Nietzsche's philosophy and a tendentious use of the posthumous writings, on the construction of that ideological interpretation.

**Key-words:** ideological interpretation – *The will to power* – posthumous writings